

As relações intersubjetivas como constitutivas do ciberespaço: breve reflexão sobre internet, hipertexto e ciberespaço

Intersubjective relations constituting the cyberspace: reflections on the internet, hypertext and cyberspace

Daniel Dantas

Mestre em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Docente nível superior 3 da Universidade Potiguar, Rio Grande do Norte. E-mail: danieldantas79@uol.com.br.

Adriano Lopes Gomes

Doutor em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Pós-doutor em Comunicação, pela Universidade Nova de Lisboa. Professor adjunto IV do Departamento de Comunicação Social, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Artigo recebido em: 12/01/2009
Artigo aprovado em: 30/03/2009

Resumo

Neste artigo, buscou-se refletir acerca dos conceitos relacionados à Internet e ao ciberespaço, tentando descrever como se dão as relações sociais na Internet e de que modo essas relações constituem o ciberespaço como uma realidade social concreta. Resultado da reflexão sobre o tema, fruto das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas em programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem, o presente trabalho se concentra, especialmente, nas noções de ciberespaço e hipertexto, destacando a história da Internet.

Palavras-chave: Internet, ciberespaço, cibercultura, relações intersubjetivas.

Abstract

This paper reflects on the concepts related to the Internet and cyberspace, trying to describe how to make social relationships on the internet and how these relationships constitute cyberspace as a concrete social reality. It is the result of the reflection on master's and doctoral research carried out in the Postgraduate Language Studies Program. The work focuses especially on the notions of cyberspace and hypertext, highlighting the history of the Internet.

Keywords: Internet, cyberspace, cyberculture, intersubjective relationships.

1. Introdução

Neste artigo, buscou-se refletir acerca dos conceitos relacionados à Internet e ao ciberespaço, tentando descrever como se dão as relações sociais na Internet e de que modo essas relações constituem o ciberespaço como uma realidade social concreta.

O trabalho resulta da reflexão sobre o tema, fruto das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas em programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem. Inicialmente, traçou-se um resumo da história da informática e da Internet para, na sequência, descrever o ciberespaço.

Trata-se, portanto, de uma reflexão conceitual sem grandes pretensões conclusivas sobre a pesquisa empírica. Esta etapa empírica, vencida na pesquisa de mestrado, voltou-se aos *blogs* e às relações intersubjetivas que têm seu lugar no seu espaço. Pouco dela transparece na discussão apresentada neste texto.

2. A história da informática e da internet

A Internet nasceu a partir de uma pesquisa científica financiada pelo governo norte-americano, nos anos 1960, que visava à redução de custos no uso de computadores, volumosos, caros e raros (CAIRNCROSS, 2000: 118). A pesquisa inicial objetivava multiplicar a capacidade de uso e armazenagem dos computadores nos Estados Unidos, além de construir um mecanismo em rede que permitisse a manutenção da comunicação estratégica do governo, ainda que houvesse um desastre nuclear. Eram os tempos de Guerra Fria. A Agência para Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa do governo americano (Arpa) financiou a nova rede, que ficou conhecida como ArpaNet. Tal rede começou a funcionar em 1969, conectando quatro universidades a partir da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (Ucla) e subsistiu até 1990. Com base nesse modelo, a Internet sempre tem se estruturado na forma de redes descentralizadas, o que significa dizer que ela jamais foi posse de qualquer instituição e que seu crescimento é virtualmente fora de controle.

As vantagens da rede começaram a se tornar evidentes. Por isso, ainda no início de sua existência, cada vez mais pessoas de fora do círculo da Arpa solicitavam acesso a ArpaNet (WERTHEIM, 2001: 164). Desse modo, a necessidade de se criar uma rede civil

de mais fácil acesso se tornou patente e a NSF¹, em 1980, financiou a criação de uma rede conectando departamentos de ciências de computação em todos os Estados Unidos, que também se ligava à ArpaNet. Nos anos 1980, outras redes foram criadas e se conectaram gradativamente. Mais tarde, entre o fim da década de 1980 e o início da de 1990, a Internet se formou a partir da reunião dessas novas redes que estavam sendo criadas. A Internet é uma rede de redes, das quais uma das mais importantes é a *World Wide Web* (WWW).

A Internet já foi entendida como um meio de comunicação que, por si só, não tem nada a dizer, assim como, segundo Serva (1997: 141-142), Walter Benjamin concebia o rádio em seu tempo. Dessa maneira, indo ao encontro de necessidades do público, a rede foi buscar em outras mídias conteúdos, informações e linguagem, numa forma de convergência midiática semelhante a que já havia acontecido, talvez em menor escala, com o cinema, o rádio e a televisão. Em 1997, Serva (1997: 141-142) apostava que a Internet seria capaz de concretizar o que Décio Pignatari havia dito sobre a televisão, que ela se tornaria o “meio dos meios”, a somatória dos meios anteriores fagocitados.

No entanto, cada vez mais, a linguagem e as características do novo meio foram se definindo melhor, ainda que uma de suas importantes características continue sendo a convergência midiática na forma de um hibridismo sempre mais sofisticado. O certo disso tudo é que os passos da cultura e da sociedade contemporâneas e futuras sofrerão, em maior ou menor grau, a influência da Internet. Os resultados desse processo ainda não são totalmente conhecidos ou previsíveis, mas é possível perceber a tendência a se fortalecer uma interação mais concreta e real entre público e mídia do que jamais houve em outros meios.

3. O hipertexto

Em certo sentido, é possível dizer que o hipertexto é o elemento fundamental da Internet, especialmente da *Web*. Os *blogs* são eventos que se dão no ambiente *Web*, caracterizados, dessa maneira, pelo hipertexto e suas características de arquitetura de *links* e leitura não linear.

¹ A sigla corresponde ao nome em inglês, National Science Foundation.

Lévy (1993: 28) relembrou que a ideia de hipertexto nasceu em 1945, com o matemático e físico Vannevar Bush, como o projeto Memex. Foi, no entanto, Theodore Nelson quem criou, no início dos anos 1960, a expressão hipertexto com o sentido de uma escrita/leitura não linear em um sistema informático. A ideia fundamental na base do hipertexto sempre esteve presente nas formas de arquivamento e gestão de conhecimento da sociedade. Exemplos de estruturas não lineares de armazenamento são as bibliotecas e as enciclopédias. O hipertexto digital avança essas marcas, especialmente na Internet, devido, principalmente, à capacidade de armazenagem disponível na rede e à facilidade de acesso às informações permitidas ao usuário.

Resumindo, pode-se definir o hipertexto a partir da possibilidade de escrita e leitura não linear, da presença dos *links* e nós textuais (ARAÚJO, 2004: 96). Assim, Lévy (1993: 33) descreveu o hipertexto como “um conjunto de nós ligados por conexões”. A partir dessa organização, que é reticular, promovida pelo hipertexto e, por consequência, pela Internet, Vilches (2003: 158) acreditou que têm surgido novas maneiras de organização do conhecimento, tomando por base novos suportes e novas lógicas de gestão. No entanto, autores como Xavier (2004: 173) desconfiaram da liberdade de leitura não linear proporcionada pelo hipertexto ao perceberem que ela é apenas parcial porque a disponibilização de *links* de navegação para outros hipertextos é decisão exclusiva do produtor da página. Tais *links* normalmente apenas respaldam o ponto de vista do autor que os gerou. Esse é um destaque importante, uma vez que auxilia na possibilidade de diferenciação entre o potencial teórico do hipertexto e sua real execução hoje, quando a distribuição do poder sobre o texto e os *links* ainda pertencem, essencialmente, aos autores. Por mais que se possam decantar as vantagens e liberdades – especialmente de expressão – promovidas pelo hipertexto internético, a realidade das relações de poder ainda se mantém nesses mecanismos de produção de conteúdo. Dessa maneira, um *blog* não será lido se um sistema de busca ou, principalmente, um outro *blog* de um grande portal ou veículo de comunicação não apontar seus olhos e *links* para ele.

Xavier (2004: 170) entendeu que o hipertexto é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Nessa direção, Marcuschi (2004: 26) destacou

que o hipertexto deve ser entendido como um modo de produção de texto que se pode se estender, potencialmente, a todos os gêneros, carregando-os de características específicas. É uma de suas características o hibridismo ou convergência – formatos, linguagens, gêneros e até mídias diferentes se manifestando sobre o mesmo suporte hipertextual.

Com vistas nisso, pode-se compreender de maneira mais adequada a opinião de Melo (2004: 135), segundo a qual o hipertexto costuma ser entendido como um texto que possui acessibilidade ilimitada, quer dizer, sem censuras quanto às ligações que pode construir, sendo assim um espaço altamente produtivo para o desenvolvimento de formas comunicacionais transversais, interativas e cooperativas. No entanto, como Xavier (2004: 173) já expressara anteriormente, essa noção sofre restrições de caráter discursivo – os hipertextos costumam ser monofônicos, com os *links* servindo, na maior parte das vezes, apenas para confirmar as ideias dos autores – e cognitivas – o conhecimento oferecido pelo hipertexto internetiano tende a ser fragmentário, conectando textos não necessariamente relacionados. Assim, o hipertexto tem exigências cognitivas fortes e difíceis referentes à necessidade de conhecimentos prévios por parte dos leitores. Desse modo, reforça-se o entendimento de que a acessibilidade ilimitada do hipertexto não passa de uma possibilidade técnica, com pouca ocorrência real.

Outros autores, não apenas das pesquisas em comunicação, preocupam-se em descrever o hipertexto. Chartier (2002: 31) nominou-o como texto eletrônico e destacou algumas de suas características. Primeiramente, a tela do computador, onde surge o hipertexto, não é bidimensional como uma página de papel, mas é um espaço em três dimensões, possuindo profundidade. Dessa maneira, no hipertexto é o próprio texto que está dobrado, e não o seu suporte, como no livro. Assim, a leitura do hipertexto é vista como desdobramento do texto, que possui uma textualidade suave, móvel e infinita. Por isso, segundo Chartier (2002: 31), o desafio do hipertexto relaciona-se à sua capacidade, enquanto texto desencadernado, de superar a sua característica tendência a se derramar. Essas características do hipertexto não se contradizem às anteriormente descritas – estrutura reticular de *links* e leitura não linear, com suas limitações. Todas se complementam e ajudam na construção de um entendimento do hipertexto e da Internet. Enquanto as

primeiras características falam sobre a forma do hipertexto e sua estrutura, as últimas ajudam a compreender os modos de leitura e construção de sentido, típicos do hipertexto na tela do computador. As questões formais e o sentido ajudam a desenvolver uma visão mais global da questão.

O hipertexto, enfim, aparece para Cavalcante (2004: 163) como possibilidade de discussão acerca da própria textualidade em um portador de textos, disponibilizado na Internet, funcionando também como um mapeamento das possíveis associações entre diversos textos. Através disso, o hipertexto atua como simulação da relação entre leitor e texto no processo de produção de sentido, proposta pelo autor, não refletindo necessariamente o percurso de leitura seguido pelo leitor. Os *links* que são dispostos e apontados pelos autores dos textos, no formato hipertextual, não são necessariamente seguidos pelos leitores ou, quando o são, nada garante ao produtor que serão seguidos na ordem proposta pelos autores. Ainda assim, reforça-se a limitação de possibilidades do leitor que apenas pode navegar naquelas limitadas possibilidades apontadas pelo autor do hipertexto em questão.

O hipertexto eletrônico e as demais manifestações da cibercultura fazem com que ela, conforme apontou Lemos (2002a: 116), ofereça o excesso não cumulativo e irracional de *bits*, *signos* e sentidos. No entanto, quando se afirma a estruturação na distribuição do hipertexto, entende-se que as formas estruturadas dos *links* hipertextuais monossêmicos contribuem para a retirada do leitor dos excessos de *signos* e sentidos apontados por Lemos.

Deixando mais claras essas características do hipertexto, não fica complicado compreender os mecanismos hipertextuais que ajudam os blogueiros, por exemplo, a, segundo uma forma discursiva e argumentativa, manter opiniões e temas agendados como informação e notícias, mobilizando os interesses, os sentidos e as opiniões dos leitores. A relevância dessa percepção, alvo da presente pesquisa, é diretamente proporcional à constatação de que os leitores têm bastante limitadas opções de navegação através de *links* na produção hipertextual blogueira. Assim, parece não ser complicado para um blogueiro definir não só o que deve pensar o público, mas como deve pensar, fazendo uso de todos os mecanismos discursivos de persuasão e argumentação que lhe sejam possíveis. O hipertexto contribui para a construção e manutenção argumen-

tativa de um tema agendado na mídia, a partir de *blogs*, como é o exemplo aqui apresentado.

Apesar dessas dificuldades, o hipertexto apresenta potenciais sociais que podem vir a ser alcançados por meio da mobilização social. Xavier (2004) foi otimista em uma proposição que se entende ser um objetivo de luta social, uma vez que essa realidade não está garantida aos usuários de antemão, devido às limitações impostas ao potencial do hipertexto. Xavier (2004: 172) acreditou que, por “ampliar ilimitadamente o sistema de relações referenciais do leitor pelo acesso a vários *hyperlinks*, o hipertexto torna-o potencial cidadão do mundo”.

Chartier (2002) foi menos otimista. O referido autor (CHARTIER, 2002: 21) entendeu que “o mundo da comunicação eletrônica é um mundo da superabundância textual cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos leitores”. Acredita-se que essa característica favorece a promoção dos sentidos únicos na produção de notícias e no agendamento de temas construídos, até mesmo através dos *links*, uma vez que tal condicionamento pode auxiliar a reduzir a polissemia e a incerteza. Assim, como resultado da característica do hipertexto de *links* monofônicos e, ao mesmo tempo, da superabundância textual da Internet, o agendamento temático dos *blogs* de notícias, alimentado e mantido pela argumentação discursiva e por construções persuasivas, termina sendo bem recebido pelos leitores que evitam os riscos de se perder na vastidão de conteúdo da Internet. Os autores, por outro lado, passam a fazer uso – de forma mais ou menos consciente – desses fatos para as produções hipertextuais e a manutenção temática que lhe interesse: o autor é livre para apontar seus *links* no texto, o que normalmente reforça seus conteúdos e posicionamentos; isso pode ser positivo para evitar aventuras desnecessárias em meio à superabundância de possibilidades textuais²; e, usando a argumentação discursiva e a persuasão, o autor – no nosso caso, o blogueiro – pode construir e manter uma agenda midiática, explorando os critérios de noticiabilidade próprios do ambiente internético,

² Até porque se acredita que a potencialidade do hipertexto aponta para o que disse Chartier (2002: 23), segundo o qual a “leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se”. Quando mais estruturado for o hipertexto produzido, inclusive com respeito aos links apontados, menos problemática será essa leitura descontínua, de acordo com as intenções do autor.

pautando nessa nova opinião pública que surge na Internet os conteúdos a serem discutidos e, pelas limitações discursivas e cognitivas impostas pelos *links* hipertextuais, a maneira sobre como cada assunto desse conteúdo deva ser tratado e pensado. Com tantas limitações, apenas de um ponto de vista ideal ainda se mantém a afirmação de Vilches (2003: 152) de que o hipertexto parece conter a totalidade do conhecimento. Seu acesso, contudo, tende a ser limitado discursivamente.

No mundo da Internet, segundo Chartier (2002: 23), todos os textos de quaisquer gêneros podem ser lidos no mesmo elemento material, o monitor do computador, sob o mesmo formato hipertextual. Podem ser lidos também da mesma forma, decidida, em geral e limitadamente, pelos próprios leitores, que dobram e desdobram o hipertexto da maneira que querem.

4. O ciberespaço

A expressão ciberespaço surgiu na obra de ficção *cyberpunk* de William Gibson, *Neuromancer*, em 1984. Pode-se entender o ciberespaço, seguindo Lemos (2002b: 137), como um lugar virtual em que se está quando se entra em um ambiente simulado (realidade virtual) e, também, como Internet enquanto conjunto de redes de computadores que podem, ou não, estar interligadas em todo planeta.

Fundamentalmente, além dessas duas definições de André Lemos, quer-se entender o ciberespaço como uma rede de relações sociais que se dão possibilitadas pela constituição virtual dos computadores e da Internet. É, portanto, muito mais uma rede de relacionamento entre sujeitos sociais do que uma rede ou redes técnicas de ligações entre computadores. A Internet só passa a se constituir num ciberespaço social a partir da inserção de sujeitos e suas relações através de seus nós e ligações técnicas de redes e computadores. Nesse sentido, Wertheim (2001: 163) afirmou que o ciberespaço surge no “espaço” da interconexão de computadores por todo o planeta. No entanto, disse ainda a referida autora (WERTHEIM, 2001: 167) que, embora dependa dessa rede física para existir, o ciberespaço não se confina a uma concepção fisicalista do real. Desse modo, o ciberespaço tem se constituído como espaço para interação social e comunicação, mais do que simplesmente coleta de dados, formando, na prática, um novo domínio da mente.

Algo semelhante foi exposto por Vilches (2003). Ele defendeu que o ciberespaço deve ser entendido como um espaço social que se constitui de sujeitos interconectados, aparecendo como a mais nova fronteira comunicativa e do real (VILCHES, 2003: 133). É com base nisso que muitos pesquisadores, teóricos e pensadores se integram a uma perspectiva bastante otimista com relação à Internet e ao ciberespaço. Wertheim (2001: 218), por exemplo, disse ainda acreditar que essa característica relacional do ciberespaço poderá servir para a formação de comunidades melhores futuramente.

Fundamental a essa perspectiva social do ciberespaço, o papel do sujeito nas relações da Internet tem sido enfatizado, especialmente pelos partidários mais otimistas das teses sobre a formação de sociedades melhores no futuro a partir da emergência da cibercultura. Fragoso (2003: 219), como exemplo, afirmou que o ciberespaço se ancora no usuário, porque o usuário é a fonte que deflagra os fluxos de comunicação que alimentam os dados que circulam na Internet, introduzindo aí, desse modo, doses significativas de imprevisibilidade. Os sujeitos são fundamentais para os fluxos de informação que constituem as relações sociais que caracterizam o ciberespaço e a Internet. Essa é, no entanto, uma questão complexa, especialmente quando todos se deparam com a força e a vitalidade cada vez mais intensas dos programas inteligentes que simulam uma inteligência artificial no ambiente da Internet. Esse tipo de inteligência artificial gera, continuamente, a dúvida sobre quem são os interlocutores de cada um no ciberespaço. O remetente de um *e-mail* que se envia pode ser uma máquina. O *help desk* de uma solicitação efetuada pode não passar de um *software* programado para atender a quem fez a solicitação³. Desse modo, à afirmação de que os usuários são os sujeitos, são as fontes que deflagram os fluxos informacionais que constituem as relações intersubjetivas no campo virtual, subjaz uma discussão sobre o papel e a presença de sujeitos, máquinas e *softwares* estabelecendo relações na Internet.

Em virtude de tais dificuldades, optou-se por uma concentração nas manifestações pessoais que estabelecem relações sociais entre sujeitos, conforme se trabalhou em uma pesquisa de mestrado (DANTAS, 2006). Ali discutem-se as relações intersubjetivas virtuais que ora se afirma constituir o espaço social do ciberespaço

³ Há sistemas de atendimento telefônico a clientes em que não há qualquer interação com humanos.

e da Internet. Entende-se essa intersubjetividade a partir da compreensão da noção bakhtiniana de dialogia. O discurso, com sua dialogicidade interna, institui a língua em uso, como parte de uma interação intersubjetiva entre enunciador e destinatário (BAKHTIN, 1990: 88). Desse modo, a intersubjetividade surgiu em Bakhtin como elemento social. Como explicou Recuero (2004a), para Bakhtin, a comunicação existe a partir do diálogo, enquanto reconhecimento mútuo entre sujeitos que interagem como um “eu” e um “tu”. Assim, a dialogia inerente ao discurso, na visão bakhtiniana, baseia-se nas relações intersubjetivas de troca comunicativa, onde os interagentes constroem a intersubjetividade a cada passo. Além disso, aproxima-se do entendimento da intersubjetividade como a ação de promoção de uma atenção conjunta aos mesmos objetos de referência num mesmo domínio linguístico ou extralinguístico por diferentes sujeitos, que se identificam como membros de uma mesma comunidade discursiva. Ao mesmo tempo, afirma-se ser o processo de intersubjetividade virtual constituído com base nas experiências de compartilhamento de realidades ou coconstrução de realidades pelos interagentes, aplicando o que expressaram Coelho Júnior & Figueiredo (2005). Esse processo se fundamenta no ciberespaço e se firma sob uma base de comunicação linguística escrita, que é constitutiva desta realidade virtual.

As relações intersubjetivas virtuais, desse modo, se instituem em um processo do qual tomam parte sujeitos sociais inseridos em um contexto discursivo e dialógico. Precisa-se fazer, com isso, um recorte. Não obstante se notar a realidade e a dificuldade de perceber, muitas vezes, a presença de uma máquina ou *software* interagindo com o usuário na Internet, existem eventos, como os *blogs*, em que são possibilitados claros encontros entre sujeitos reais no campo virtual. Desse modo, assume-se a premissa de que, nesses espaços, são manifestos, por meio do discurso e da escrita pessoal, sujeitos sociais reais que se relacionam em espaços e eventos virtuais. Mesmo que não se possa conhecê-los no mundo *off-line*, suas manifestações escritas são tomadas como elementos de constituição subjetiva e de construção de relações intersubjetivas. E ainda que seus sujeitos no espaço virtual possam ser constituídos na forma de avatares⁴,

entende-se que apenas esse sujeito construído será alvo da análise do pesquisador do campo virtual. Apenas seu discurso e suas manifestações subjetivas ajudarão a descrevê-lo enquanto sujeito e entender as relações intersubjetivas em que se envolve.

Além desse entendimento que já foi expresso, existem outras tentativas de definir o ciberespaço, mais ou menos coincidentes e complementares ao que se discutiu até aqui. O próprio André Lemos avançou um pouco seus pontos de vista ao afirmar o ciberespaço como um não lugar, uma *u-topia*, que convida o indivíduo a repensar a civilização, baseado nessa emergência de informações digitais, coletivas e imediatas, o que, por fim, contribuirá para uma gradual desmaterialização do espaço e para uma maior ênfase na tipicamente contemporânea instantaneidade temporal (LE-MOS, 2002b: 137). Essa é claramente uma perspectiva otimista e utópica sobre o avanço da cibercultura e a constituição do ciberespaço.

Outros autores, mais ou menos otimistas e utópicos, reafirmam o entendimento de que o ciberespaço é mais que uma rede física de computadores conectados entre si, mas se revela como um espaço virtual onde podem se estabelecer relacionamentos entre os sujeitos sociais. Foi assim que Lévy (1999: 17) afirmou que o ciberespaço é algo além de apenas uma infraestrutura material de conexão entre computadores, que inclui o todo de informações disponíveis ali e os sujeitos que navegam e alimentam este novo universo, e Wertheim (2001: 221) entendeu que, fundada na linguagem, a rede do ciberespaço não é meramente uma rede física de conexão entre computadores, mas uma rede lógica que conecta pessoas. Por isso, segundo ela, os laços sociais criados no ciberespaço podem se tornar mais fortes do que aqueles surgidos no mundo físico (WERTHEIM, 2001: 182).

Um outro elemento, relacionado à constituição das relações intersubjetivas do ciberespaço, foi destacado por Lemos (2002a; 2002b). O autor enfatizou aspectos religiosos do ciberespaço. Lemos (2002a: 115; 2003: 18) falou de uma religiosidade social que parte em busca do outro e que faz os sujeitos sociais aderirem uns aos outros, religarem-se entre si. Quando as pessoas participam umas das vidas das outras nas formas proporcionadas pelo ciberespaço de uma certa maneira, isso faz com que elas experimentem uma religiosidade social. Como se, por causa da expansão e da liberdade provocadas pela inserção dos sujeitos no ciberespaço, a cibercultura se manifestasse como

⁴ Avatar é uma representação no ciberespaço de um usuário. Em espaços como o Second Life, assume contornos de realidade virtual bem definida.

um tipo de êxtase espiritual que conduzisse a alma a esferas de existência anteriormente só proporcionadas pelas religiões tradicionais. Em outro texto, o mesmo autor (LE MOS, 2002b: 141) apontou mais um elemento de religiosidade do ciberespaço. Para ele, o movimento da sociedade na direção do ciberespaço a faz deparar-se com uma verdadeira “infognose”⁵, como um ritual de passagem rumo à desmaterialização contemporânea. Desse modo, o ciberespaço é um espaço de simbolismo em que, a cada dia, se realizam ritos de passagem do espaço físico e analógico ao espaço digital sem fronteiras, propiciado pelo avanço da cibercultura. Os não iniciados vão se perdendo num caminho que vem seguindo a sociedade, em que, cada vez mais, a vida social se transfere em diversos aspectos para o espaço virtual da Internet.

Wertheim (2001) foi outra autora que destacou os elementos religiosos manifestos pelo ciberespaço e pela cibercultura. Esse ambiente virtual tende a ser visto como espaço de promessa, uma utopia social. Segundo Wertheim (2001: 190), as promessas da utopia ciberespacial se assemelham às promessas da escatologia cristã, absorvendo, em suas formulações, muito do conteúdo dos textos religiosos do cristianismo. Ao falar sobre as obras de escritores envolvidos pela utopia cibernética, Wertheim (2001: 191) defendeu que, como “o Céu cristão medieval, o ciberespaço se torna nessas histórias um lugar **fora** do espaço e do tempo, um lugar em que o corpo pode de alguma maneira ser reconstituído em toda a sua glória”. Ela ainda destacou alguns reflexos da cultura medieval no ciberespaço, ao perceber que a cibercultura recupera o dualismo no entendimento do espaço típico do homem medieval, ou seja, que haveria um mundo material, descrito pela ciência, e um espaço não físico, que existiria do lado de fora do mundo material, que, neste caso, é o ciberespaço e sua correspondente cultura (WERTHEIM, 2001: 168).

A visão otimista e utópica sobre o ciberespaço, traduzida em termos religiosos tanto por Lemos quanto

por Wertheim, alcançou um ponto culminante no pensamento de Pierre Lévy. Sempre um otimista e entusiasta da cibercultura e da Internet, Lévy (1999: 246) entendeu que o ciberespaço promove uma revolução, já que, entre outras coisas, liberta o usuário da Internet para que, dispensando intermediários, possa disseminar seu próprio fluxo de informações (seus textos, suas músicas), construindo seu mundo virtual, os produtos de seu espírito, estabelecendo relações sociais e constituindo uma realidade social sob o seu absoluto critério individual.

Algumas ponderações podem ser erguidas contra essas afirmações otimistas sobre o papel e as características do ciberespaço. Ainda utilizando a ideia da religiosidade, Wertheim (2001: 218) também apresentou uma possível perspectiva negativa para o ciberespaço. Ela afirmou que, sendo um espaço interior fabricado pelo homem, o ciberespaço pode dar lugar para o afloramento dos aspectos mais vis do comportamento humano. Segundo a autora, apesar de os entusiastas da Internet defenderem-na como um espaço celestial, o ciberespaço pode se tornar mais parecido com o inferno do que com o céu. Apesar de crítica, a posição de Wertheim ainda não se descolou, nesse caso, da visão utópica e religiosa sobre o ciberespaço. As críticas podem ir mais além.

Uma das estudiosas que avançou nessa crítica foi Melo (2004: 138), que defendeu que a crença em uma sociedade libertária promovida pelo ciberespaço, em que qualquer um teria acesso a tudo aquilo de que necessitasse a qualquer momento, só pode existir do ponto de vista técnico e virtual, mas não na realidade das práticas sociais que efetivamente têm lugar na Internet. Segundo a referida autora, na Internet as trocas também funcionam a partir das condições de produção e de circulação do discurso, ideia que já foi trabalhada na discussão sobre hipertexto. Desse modo, o ciberespaço como utopia celeste em que uma sociedade igualitária e libertária, sem um polo único de emissão de fluxo de informações, funciona com relações intersubjetivas estabelecidas sob o fundamento da igualdade, não se estabelece com a constatação de que as relações continuam se constituindo a partir da manifestação de poder, discurso e ideologia.

Também Fragoso (2003) levantou críticas substantivas às visões mais otimistas sobre o ciberespaço. Ainda que tenha concordado com a possibilidade de um ciberespaço participativo, com uma diluição dos

⁵ O gnosticismo foi um movimento místico do início da Era Cristã, que afirmava que o conhecimento da divindade só estaria acessível aos sujeitos iniciados nos ritos da comunidade. Ao falar em “infognose”, Lemos defendeu que a sociabilidade no ciberespaço pode se constituir em torno de rituais de passagem que conduzem os iniciados a um nível de conhecimento mais avançado, marcado por uma desmaterialização e virtualização da sociedade impregnada pela cibercultura e pela Internet. Assim, em uma sociedade marcada pela emergência do ciberespaço, aqueles que detêm o conhecimento de como funciona esse mundo levariam a vantagem dos iniciados.

polos de emissão informativa, Fragoso (2003: 223) destacou que a tendência é a formação de um heterogêneo e assimétrico processo de comunicação na rede, principalmente porque cada vez mais usuários têm direcionado sua navegação na Internet para fontes e endereços enraizados em instituições culturais e discursivamente estabelecidas, preferencialmente, nascidas “fora da rede”. No entanto, novas tecnologias que surgem na Internet, como as ferramentas de compartilhamento de arquivos conhecidas como *peer-to-peer* (P2P), representam uma força de resistência à tendência centralizadora, já que permitem que qualquer computador na Internet funcione como cliente e/ou servidor, possibilitando a total troca de dados entre os computadores em rede, por exemplo. Essas tecnologias são conhecidas em programas como Kazaa, E-mule e E-donkey, despertando a ira dos grupos midiáticos por subverterem as legislações que tratam de direitos autorais e de produção no mundo físico. Além do P2P, poderiam ser destacadas linguagens como a Wiki e a Wikipédia, que promovem tentativas de real descentralização dos fluxos discursivos de poder no ciberespaço. Um desses elementos fundamentais é representado pelos *blogs*, cuja criação é facultada a qualquer usuário da Internet e cujo conteúdo possui como único editor, o próprio autor ou blogueiro. Iniciativas assim podem surgir como formas de resistência às centralizações e monossêmias que têm seu lugar na Internet.

Reitera-se, então, o entendimento do ciberespaço aqui concebido. O ciberespaço é visto no âmbito desta pesquisa como um espaço virtual, possibilitado pelas redes de conexão de computadores, em que os sujeitos sociais estabelecem relações intersubjetivas virtuais, constituindo uma realidade social particular. Esse

ciberespaço nasce da relação das redes físicas com a realidade social constituída, possuindo características de religação social, limitadas pelos contextos sociodiscursivos e das relações de poder. A depender, no entanto, se o ciberespaço for pensado sob uma perspectiva mais ou menos utópica e otimista, outras características serão a ele adicionadas. Aqui ele é entendido, no entanto, a partir das relações intersubjetivas virtuais e com a manifestação de todas as suas limitações discursivas, sem perder a perspectiva onírica de que, nas palavras de Wertheim (2001: 207), a “Internet, com sua vasta teia global, acena para todos nós com uma visão de amizade e a esperança de inclusão num todo social mais amplo”.

5. Considerações finais

Procurou-se definir as relações sociais na Internet, constitutivas do ciberespaço, a partir da reflexão descritiva da própria Internet e dos seus elementos, notadamente o hipertexto e o ciberespaço. Desse modo, afirma-se que o ciberespaço se constitui das relações intersubjetivas que têm lugar na Internet. Apontam-se, também, as limitações discursivas e ideológicas do hipertexto e do ciberespaço, que manifestam as relações de poder e o fluxo de produção e de circulação de informações na Internet. Além disso, mostrou-se como dois grupos de pesquisadores se configuram a partir da visão mais ou menos otimista que apontam sobre o fenômeno. Os autores deste artigo colocam-se mais identificados ao grupo dos pessimistas, mas sem perder a perspectiva e a esperança de que a Internet possibilite, no futuro, uma maior inclusão e novas maneiras, mais justas e igualitárias, de relações sociais.

Referências

- ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na *Web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.
- CAIRNCROSS, Frances. *O fim das distâncias: como a revolução das comunicações transformará nossas vidas*. Tradução de Edite Sciulli e Marcos T. Rubino. São Paulo: Nobel, 2003.
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os *links* no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- _____. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.
- COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto & FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Figuras da intersubjetividade na construção subjetiva: dimensões da alteridade*. Disponível em: <http://www.smarcos.br/interacoes/arquivos/artigo_17.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2005.
- DANTAS, Daniel. 2006. *As relações intersubjetivas nos blogs e as práticas de letramento digital*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN.
- FRAGOSO, Suely. Um e muitos ciberespaços. In: LEMOS, André & CUNHA, Paulo. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LEMOS, André. Aspectos da cibercultura: vida social nas redes telemáticas. In: PRADO, José Luiz Aidar Prado. *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002a.
- _____. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André & CUNHA, Paulo. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002b.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. Tradução de Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *O interdiscurso construtivo como característica fundamental dos webrings*. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/n10/an10a1.html>>. Acesso em: 28 de setembro de 2004.
- SAAD, Beth. *Estratégias para mídia digital: Internet, informação e comunicação*. São Paulo: Senac, 2003.
- SERVA, Leão Pinto. *Babel: a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos*. São Paulo: Mandarim, 1997.
- TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

_____. *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.* Florianópolis: Insular, 2005.

VILCHES, LORENZO. *A migração digital.* Tradução de Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

WERTHEIM, MARGARET. *Uma história do espaço de Dante à Internet.* Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WOLF, MAURO. *Teoria das comunicações de massa.* Tradução de Karina Jannini. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

XAVIER, ANTONIO CARLOS. *Leitura, texto e hipertexto.* In: MARCUSCHI, LUIZ ANTÔNIO & XAVIER, ANTONIO CARLOS DOS SANTOS (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.